

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências Biológicas
Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas**

Dos oceanos para as telas: investigando o estereótipo do tubarão

Conrado Losso da Costa

Florianópolis
2021

Conrado Losso da Costa

Dos oceanos para as telas: investigando o estereótipo do tubarão

Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Biológicas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.
Orientadora: Prof^ª Me. Marina Lopes e Gomes.

Florianópolis
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Costa, Conrado Losso da
Dos oceanos para as telas: o estereótipo
do tubarão / Conrado Losso da Costa ; orientadora,
Marina Lopes e Gomes, 2020.
49 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis,
2020.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. I. Lopes e Gomes,
Marina . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

Conrado Losso da Costa

Dos oceanos para as telas: investigando o estereótipo do tubarão

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Graduação e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura.

Florianópolis, 17 de maio de 2021.

Dr.Carlos Roberto Zanetti
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.(a) Marina Lopes e Gomes, Me.
Orientadora

Prof.(a)Victor Anselmo Costa
Avaliador(a)
Instituição UFPR

Prof.(a)Ariana Sousa de Moraes Sarmiento
Avaliador(a)
EEB Padre Anchieta

Dr..(a)Sheila Hempkemeyer
Suplente (a)
Instituição UFSC

Dedico este trabalho à minha família,
amigos e aos tubarões.

Agradecimentos

Meu principal agradecimento vai para minha família, Conrado, Simone e Daniella, que sempre me apoiaram a fazer o curso de Ciências Biológicas. Gostaria de agradecer também a Universidade Federal de Santa Catarina, por ter me feito crescer como pessoa e na minha vida profissional.

Agradeço também aos meus amigos, Lucas, Guilherme, Thiago, Sofia, Isadora, Bruno, por estarem sempre ao meu lado.

Agradeço ao professor Dr. Leandro Belinaso Guimarães por ser o professor que eu mais gostei durante o decorrer da minha jornada na faculdade.

Agradeço à minha orientadora por ser muito parceira neste TCC, sempre dando boas observações e sendo bastante atenciosa comigo.

Obrigado.

Resumo

Inspirado por uma aula que viveu na graduação, o autor investiga o tema dos estereótipos ao longo deste trabalho, principalmente aqueles ligados aos tubarões. Para refletir e investigar sobre isso, ele aciona pensamentos sobre cultura, artefatos midiáticos, cinema, Estudos Culturais, entre outros, e suas implicações em nossas subjetividades e na sociedade. Fez-se necessário refletir também sobre como nós, seres humanos, nos relacionamos com os outros seres do Reino Animal. Quais são os impactos de colocarmos os nossos adjetivos - humanos - nos animais não humanos? O trabalho culmina em análises de cartazes e sinopses de filmes *hollywoodianos sobre os tubarões*. É a partir de suas sensações e impressões que o autor tece suas análises acionando os estudos feitos ao longo da sua trajetória, pensando sempre na questão do estereótipo e na influência que essas imagens possuem em nosso imaginário como sociedade. Por fim, ele nos apresenta reflexões sobre as relações entre humanos e tubarões, e pensamentos que nos instigam a brincar com os estereótipos (como por exemplo as animações), quebrá-los, rasurá-los, para quem sabe, permitir outros modos de nos relacionar com os animais não humanos e com o meio ambiente.

Palavras-chave: Cinema; Educação; Cultura; Meio Ambiente.

SUMÁRIO

1. Aproximações.....	1
2. Educação e cultura.....	4
3. Estereótipos.....	9
4. As relações da humanidade com os outros seres do Reino Animal.....	12
5. O cinema e as suas imagens.....	17
6. Mergulhando por entre cartazes e sinopses.....	21
7. Reflexões.....	31
8. Desfecho.....	35
9. Referências Bibliográficas.....	37

1. Aproximações

Antes de adentrar no TCC é necessário que eu fale um pouco das minhas experiências e de como a partir delas decidi escolher meu tema de pesquisa. Assim, acredito que o próprio leitor se sinta mais à vontade em mergulhar neste assunto e seus demais questionamentos comigo. Além de, também, compreender porque tais questões me trouxeram até aqui, até este Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Biológicas.

Meu nome é Conrado Losso da Costa, sou natural de Florianópolis e nasci em 17 abril de 1995 (tenho 25 anos atualmente, enquanto escrevo este texto). Desde pequeno sempre fui ligado às mídias digitais, assistia televisão (animações, filmes, novelas...) e constantemente me sinto em contato com os artefatos da cultura (ao longo deste trabalho falarei um pouco mais sobre o que são artefatos culturais). É claro que, pela minha própria imaturidade e inocência da época, nunca imaginei, nem refleti sobre como estas mídias pudessem estar me influenciando diretamente e/ou indiretamente. Na minha adolescência continuei ligado a estes artefatos, constantemente em contato com as mídias. Um dos canais de televisão (canais pagos) que gostava de assistir era o *Animal Planet*, nele passam diversos documentários sobre os animais e a natureza. Compreender um pouco das outras espécies, seja na parte morfológica, seja na parte comportamental... Sempre achei fascinante!

Conforme o tempo foi passando acabei escolhendo prestar vestibular para o curso de Ciências Biológicas, pois esta é uma curiosidade que me segue e me motiva desde a infância: entender um pouco mais sobre o nosso mundo, sobre a vida.

Durante a graduação tive uma matéria que me chamou bastante atenção, "Metodologia de Ensino de Ciências e Biologia", ministrada pelo professor Dr. Leandro Belinaso Guimarães. Uma de suas inúmeras atividades, particularmente, me deixou bastante inquieto: a atividade sobre "Os Estereótipos". Basicamente tínhamos que pegar algum estereótipo da sociedade, planejar e dar uma aula de como poderíamos quebrá-lo, subvertê-lo, ou seja, tínhamos que escolher um estereótipo, compreender de onde ele estava vindo e, assim, tentar de algumas formas rompê-lo dentro da sala de aula. Durante o desenvolvimento da atividade fui

me encantando cada vez mais por essa temática. A turma foi dividida em grupos para realizarem a atividade, no meu grupo escolhemos falar sobre a imagem do tubarão na nossa sociedade, e para isso, dividimos a nossa proposta de aula em três momentos.

Primeiro momento: dividimos a sala com um varal, e nele penduramos notícias sobre os tubarões. Os alunos passeavam pela sala e viam as imagens. Neste início da aula queríamos ambientar os estudantes trazendo algumas notícias, imagens, que nos fazem pensar sobre como o tubarão é visto em nossa sociedade. No segundo momento produzimos um vídeo com os temas abordados: o nicho do tubarão, as relações entre tubarão e ser humano, e a predação. Nessa segunda parte tentamos acionar o lado sensível dos alunos com uma música de fundo que ficava mais ou menos potente dependendo da cena que eles estavam vendo. E, por fim, na última etapa, fizemos uma proposta para os alunos escreverem um texto sobre tubarões, a produção textual era livre - podendo falar da nossa relação com eles, aspectos biológicos, ou até mesmo escrever uma poesia para os tubarões. Sem amarras para escrever, o tema variou de aluno para aluno.

No final da nossa atividade me percebi encantado com a ideia de quebra de estereótipos e, gostei tanto, que acabei tentando juntar “o útil ao agradável”. Nesse mesmo período, estava em busca do que pesquisar para meu Trabalho de Conclusão de Curso e esse assunto estava mexendo comigo, se mostrando importante no momento. Por isso decidi escrever sobre estereótipos, tubarões, sociedade, educação, cultura, relações com o ambiente e com outros seres não humanos. Tudo isso é acionado ao longo da pesquisa e culminam nas análises que faço de cartazes e sinopses de filmes do cinema *hollywoodiano*, que trazem como temática o tubarão “assassino”.

Por conta dessa atividade ter sido ministrada pelo professor Dr. Leandro Belinaso (o qual tenho muita admiração), eu o procurei para uma possível orientação. Porém como ele estava muito ocupado e não conseguia dar a atenção necessária para o desenvolvimento da minha pesquisa, ele me indicou a Marina Lopes e Gomes (mestre e orientadora deste TCC). A Marina é uma pessoa maravilhosa, atenciosa e sempre trouxe assuntos para que eu pudesse me instigar a escrever o TCC. Uma das nossas conversas que mais marcaram foi pensar em

como a ciência opera, na multiplicidade que ela pode ter e é por conta disso que consegui escrever este trabalho (explorei mais essas questões no capítulo sobre os estereótipos).

Por fim, desejo escrever nesta introdução que me considero uma pessoa com muita dificuldade de falar sobre mim. Embora tenha me apresentado brevemente para vocês, esse foi um exercício bem difícil que trilhei ao longo do caminho deste TCC. Além da timidez, também senti dificuldades em escrever uma monografia, em colocar tantas palavras na folha em branco, mas com paciência, leituras e muitas conversas fui desenvolvendo minha forma de escrever.

Espero que seja o suficiente para terem me conhecido, entendido como cheguei até o curso de Ciências Biológicas e do porquê de ter escolhido falar sobre tubarões, estereótipos, educação, cultura, neste Trabalho de Conclusão de Curso.

2. Educação e cultura

Desde o nosso nascimento até a morte somos influenciados, moldados, inspirados, motivados, persuadidos, instigados pelo o que está em nossa volta, e a partir disso formamos muitos dos nossos conceitos, críticas, concepções sobre o mundo. A visão de um biólogo será diferente da visão de um engenheiro civil; a visão de mundo de um religioso será diferente da visão de mundo de um ateu; e podemos ir além disso, até mesmo a maneira que você se organiza para estudar pode ser diferente de outra pessoa. Os pequenos gestos, trejeitos, hábitos também nos diferenciam.

Seguindo este raciocínio conseguimos ver um exemplo muito nítido em nossa sociedade sobre visões de mundo: nestes tempos contemporâneos, um dos assuntos que tem sido cada vez mais debatido é a política “propriamente dita” - me refiro ao termo "propriamente dita" para falar sobre políticas públicas, pois acredito que a política está em tudo em que fazemos, ou seja, assim como Aristóteles¹, penso que "o [ser humano] é um animal político". Uma pessoa com viés político alinhado à esquerda tende a ser bastante ligada com a ideia de igualdade social a partir de uma distribuição de renda mais justa. Em contrapartida a visão de uma pessoa de direita é ligada, geralmente, ao capital, sendo assim, enxergam o lucro como principal forma de conformação de sociedade. Vale ressaltar que por conta dos artefatos da mídia e de como eles operam, os aspectos da política “propriamente dita” nunca estiveram tão polarizados e em discussão como nos dias atuais, afinal também existem possibilidades entre esses extremos que estão sendo ignoradas.

Vamos fazer a seguinte reflexão sobre a relação de uma mãe e uma criança presente em um trecho extraído do livro “Existências Mínimas” do filósofo francês David Lapoujade (2017):

Penso em uma criança que dispôs diversos objetos grandes e pequenos, cuidadosamente, longamente de uma maneira que ela achou bonita e ornamental, sobre a mesa de sua mãe, para “agradá-la”. A mãe chega, Tranquila, distraída, pega um desses objetos do qual ela vai precisar, recoloca um outro no

¹Famosa frase do filósofo Aristóteles, retirada do site <https://www.brasil247.com/blog/o-homem-e-um-animal-politico> Acesso em: 18 nov. 2019.

seu lugar de sempre, e desfaz tudo. E quando as explicações desesperadas que acompanham os soluços contidos da criança lhe revelam a extensão do seu pouco caso, ela exclama desolada: ah, meu amor, eu não vi que era alguma coisa. (LAPOUJADE, 2017, p. 43)

Embora a mãe tenha visto os mesmos objetos na mesa, ela não conseguiu vê-los da maneira que seu filho os organizou naquele momento. A mãe não conseguiu entrar na mesma perspectiva de seu filho, pois as coisas naquele momento tinham significados diferentes para ambos, e graças ao sentimento de incompreensão a criança fica desesperada, chateada e começa a chorar. (Duas pessoas, próximas, que se conhecem muito bem, mas que, mesmo assim, possuem visões diferentes sobre um mesmo acontecimento).

Agora vamos imaginar uma situação diferente dessa apresentada pelo livro. O filho por alguma razão coloca os objetos organizados de uma maneira única para ele, uma maneira em que ele possa ter visto em algum lugar e estivesse reproduzindo ali sem nem ao menos perceber. Ou seja, sem uma intenção consciente, mas queria que sua mãe percebesse a importância daquilo. A ideia central desta hipótese é que muitas vezes somos influenciados e nem ao menos percebemos que isso pode estar afetando (in)diretamente as nossas vidas, seja a partir das nossas atitudes ou de nossas opiniões.

Com o avanço da tecnologia estamos vivendo em uma sociedade repleta por artefatos da mídia.

Nosso cotidiano também está recheado de artefatos de mídia. Os canais de rádio, os programas de televisão, os sites da Internet, as publicações, os jornais, as revistas; enfim, estabelecemos inúmeras relações com estes artefatos diariamente. (GUIMARÃES,; SOUZA, 2009, p. 18)

Estes artefatos estão cada vez mais próximos de nós, ou seja, vivemos em um mundo cheio de informações que se alteram constantemente. Hoje em dia, apenas com um clique podemos “viajar” para outros lugares do mundo e, até mesmo, conversar com pessoas de outros países no conforto de nossos lares - o que não acontecia nos tempos dos nossos avôs, por exemplo. Reflito sobre esta

nova geração, rodeada por artefatos da mídia, onde os jovens e as crianças têm acesso a informação de uma maneira muito mais rápida do que tínhamos antigamente... Como isso pode nos influenciar?

A plataforma de vídeos *Youtube* é uma das formas que mais evidencia as características do tempo contemporâneo. Outrora a televisão tinha um grande papel (e ainda tem) nos aspectos culturais, ou seja, estes meios de comunicação disseminam inúmeras informações, conceitos, ideias, que nos fazem adentrar na sociedade e compartilhar com ela. Porém, ao compararmos o nível de interesse entre estes dois tipos de mídia (televisão e *Youtube*), Lopes (2018) afirma que os jovens se interessam mais pelo *Youtube* atualmente. Você já parou para pensar o porquê desta mudança? Penso que talvez seja pelo fato de conseguirmos nos conectar e encontrar informações de maneira mais rápida sobre um determinado assunto. Basta apenas pesquisar pelos navegadores e suas ferramentas que teremos resultados daquilo que desejávamos em poucos minutos.

Hoje o Youtube recebe 400 horas de conteúdo novo a cada minuto, o que pode chegar a 1,9 bilhão de horas ao final de um dia. E o Brasil é um dos maiores públicos consumidores de tudo isso. (Lopes, 2018, n.p)

Inclusive, nesta era digital e tecnológica que vivemos, até as profissões mudaram, algumas surgiram e outras estão desaparecendo. Com certeza vocês já ouviram falar sobre os influenciadores digitais, termo originário do inglês *digital influencer*. São pessoas que trabalham produzindo conteúdos audiovisuais para as plataformas digitais, como *Youtube*, *Instagram*, *Facebook*, que acabam influenciando o que seus seguidores, que podem chegar aos milhões de inscritos, pensam sobre as notícias recentes, questões mundiais/nacionais, música, cinema, receitas, viagens, política, ciência e os mais diversos assuntos que você imaginar. Quem nunca ouviu falar de Felipe Neto, PC Siqueira, MBL (Movimento Brasil Livre), Whindersson Nunes, Porta dos Fundos, Quebrando Tabu, Dani Russo TV, Camila Loures na atualidade? Arrisco-me dizer que você já tenha visto ou ouvido falar em pelo menos um destes exemplos que citei. Estes conteúdos que eles produzem e disseminam têm uma grande influência na sociedade e principalmente na formação

do pensamento dos jovens e das crianças - público que atualmente mais consome esse tipo de mídia.

Estas são algumas das características do momento em que vivemos: um tempo extremamente competitivo e acelerado, repleto de informações que nos moldam e que muitas vezes acabam ditando regras de como devemos ser em relação com os outros, conosco e com o mundo.

Os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos. Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros, tudo isso, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura. (GUIMARÃES; SOUZA, 2009, p. 21)

Utilizo o termo artefato, pois nestes estudos iniciais comecei a me aproximar dos Estudos Culturais, campo multifacetado na arena da Educação, que possui um pensamento pós-estruturalista (não existem modos de ser, pensar, viver melhores ou piores do que outros) e enxerga o cotidiano, a cultura e seus artefatos como formadores de subjetividades. Também é este campo de estudo que “tem por orientação assumir uma desconfiança da isenção de interesses e das relações de poder na produção dos conhecimentos [...]” (GOMES, 2019, p. 51). É este tipo de pensamento que orienta minhas análises dos cartazes e sinopses dos filmes.

Neste trabalho uso muito a palavra cultura. A cultura é algo muito complexo de ser explicado e conceituado, e vários autores têm definições diversas sobre ela. Aqui neste trabalho me aproximo das ideias da dissertação de mestrado de Gomes (2019) sobre cultura.

[...] cultura, considerada aqui como constituinte do mundo social, nos processos econômicos e políticos, e criadora de significações nas práticas cotidianas de diferentes grupos. Por isso, para os Estudos Culturais a cultura já não é entendida como alta (música clássica, ópera, ballet) ou baixa (música popular, grafite, videoclipes), e sim como todas as práticas culturais que dão sentido às coisas do mundo. (p. 51)

Por isso, considero que os artefatos da cultura (música, dança, teatro, cinema, televisão, internet, escolas, universidade, grafite, jornais...) nos influenciam (in)diretamente, constituindo nossas subjetividades e nossas visões de mundo como sociedade e como indivíduo em si. Começo a compreender que nos encontramos em um meio cercado por estes artefatos da mídia e da cultura, tanto dentro quanto fora das instituições de ensino, e que eles influenciam nossas vidas, nossas relações e conseqüentemente nossa cultura.

3. Estereótipos

Para compreender nossa relação com o tubarão e os atravessamentos dos artefatos de mídia, da cultura, associados a eles, é necessário sabermos e explorarmos o que é um estereótipo e como eles podem ser criados.

Basicamente podemos conceituá-lo da seguinte maneira: o estereótipo “reduz as pessoas umas poucas características simples, essenciais, que são representadas como fixas pela natureza” (HALL, 1997, p. 257). Ou seja, quando caracterizamos um grupo seja pela sua morfologia ou simplesmente pelas suas atitudes, acreditamos nisso como uma verdade, algo que não pode ser questionado ou simplesmente mudado, sendo assim, representadas como fixas pela a natureza, como algo imutável. A própria biologia tem este aspecto de caracterização dos organismos, por um lado é bom, pois nos ajuda a compreender determinados grupos de seres vivos. Mas se, porventura, esta característica for encarada como fixa por nós em relação à natureza, em nossos estudos e em nossas aulas, poderemos causar alguns problemas. A biologia pode também ser criadora de inúmeros estereótipos.

Mas como eles podem ser criados? Para um estereótipo existir basta reforçá-lo, assim, mais e mais pessoas acreditam nele como uma verdade imutável. E quem é responsável por definir um estereótipo para uma determinada “coisa”?

Retomo o assunto dos artefatos da mídia e como eles nos influenciam. Em um mundo repleto de informações, são elas que nos apresentam, muitas vezes, maneiras de pensar de um determinado grupo e, com isso, podem acabar estereotipando uma determinada característica daqueles indivíduos. Podemos citar inúmeros exemplos de estereótipos marcados em nossa sociedade: Quem nunca viu uma animação onde colocam um urso hibernando, por exemplo? Hoje já sabemos, graças à ciência, que os ursos não hibernam (animais com um grande tamanho corporal não hibernam, eles chegam a dormir profundamente, mas não chega ser considerada uma hibernação. Animais que hibernam - processo fisiológico com características específicas - geralmente tem o tamanho corporal reduzido, como pequenos roedores). Ou, por exemplo, que os velociraptors

representados pelos filmes da franquia *Jurassic Park*² são dinossauros bem maiores do que eram na vida real, hoje sabemos que eles eram animais menores. Existem ainda inúmeros exemplos em nossa sociedade, principalmente exemplos provenientes e geradores de enormes preconceitos, que originam violências cotidianas na vida das pessoas: todo asiático são inteligentes, quem escuta *rap* é bandido, todo maconheiro é vagabundo, nordestino é um povo preguiçoso, mulheres são fracas, entre outros.

Os estereótipos nada mais são do que rótulos, rótulos que ficam impregnados em nós mesmos, rótulos na qual boa parte da sociedade acredita como uma verdade imutável, pensamento que muitas vezes acaba se aproximando de valores dogmáticos.

Comecei a questionar... Por que os dogmas podem ser um problema para a sociedade? A definição da palavra dogma, segundo o dicionário, é: “qualquer doutrina (política, filosófica, etc) de caráter indiscutível; princípio estabelecido; opinião firmada; preceito, máxima,”³ isto é, eles são tipos de verdades inquestionáveis.

Neste TCC, estou me reinventando no escrever de um trabalho científico. Fui ensinado na própria faculdade, durante o curso de Ciências Biológicas, que se eu escrever em primeira pessoa, falar sobre as minhas experiências, não seria considerado algo científico, e de uma certa forma isso se tornou um dogma na minha cabeça. Eu nem imaginava que poderia escrever um capítulo como o “Aproximações”. E foi graças às conversas com a minha orientadora, sobre muitas questões, como por exemplo, em pôr a minha “alma”, minhas experiências, visões de mundo nesta pesquisa, somadas com a leitura de Rubens Alves, mais especificamente do texto “O que é científico?” (1999), que acabaram mudando minha visão sobre o que a ciência pode ser. Trago aqui uma das metáforas feitas no texto de Rubens Alves (1999), que me ajudou a entender que este TCC é sim científico:

² JURRASIC Park: O Parque dos Dinossauros. Direção de Steven Spielberg. Produção de Gerald Molen, Kathleen Kennedy. Roteiro: David Koepp, Michael Crichton. Estados Unidos: Amblin Entertainment And Universal Pictures, 1993. (126 min.), son., color. Legendado.

³ Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa
<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/> Acesso em: 15 out. 2019.

As redes usadas pelos membros da confraria se prestavam para pescar tudo o que existia no mundo? Não. Há muita coisa no mundo, muita coisa mesmo, que as redes dos membros da confraria não conseguem pegar. São criaturas mais leves, que exigem redes de outro tipo, mais sutis, mais delicadas. E, no entanto, são absolutamente reais. Só que não nadam no rio. (p. 2)

Os artefatos midiáticos podem também estar ligados a quebras de dogmas, a tecnologia vem evoluindo cada vez mais, e com isso, novos conhecimentos e novas relações com eles estão surgindo. Isto é, uma informação antiga na qual tínhamos como verdade, talvez hoje, com novos estudos, podem estar equivocadas e, esse, para mim, é mais um motivo do porquê romper estereótipos também é extremamente importante: para que possamos sempre nos questionar, para não nos acostumarmos com verdades inquestionáveis.

Antes finalizar este capítulo vale a pena ressaltar que em nenhum momento estou querendo demonizar ou diminuir os meios de informação e/ou os artefatos da mídia, pontuo aqui que ela tem sua importância no mundo atual que vivemos e entendo sim sua grande relevância. Lembro aqui, que estou me aproximando dos Estudos Culturais, que não pretendem instaurar um modo melhor ou pior de ser acima de outros modos. Sou a favor de um mundo bem informado que nos ajuda a formar cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Quero evidenciar que, o que desejo com a pesquisa é fazer o exercício de me questionar, questionar as informações e os meios que me bombardeiam. Buscando romper os estereótipos que eles emanam quando possível, como uma prática diária, para quem sabe construir relações outras com o ambiente que vivemos e com os animais que compartilham a Terra conosco, principalmente com os tubarões - tema dos cartazes e sinopses de filmes que analisei. Penso que pela educação e pela pesquisa é possível criar novas lentes para enxergar o mundo que nos rodeia.

Neste TCC proponho investigar estereótipos ligados aos tubarões em filmes *hollywoodianos* (faço essa escolha pensando na grande penetrabilidade e circulação destes filmes na sociedade e na cultura) através de análises de cartazes e sinopses, e com eles pensar nas possibilidades de rasurá-los. Ao longo do trabalho vou tecendo as relações entre cultura e educação, principalmente ligado aos artefatos culturais (cinema). Além disso, abro discussões a partir desses

artefatos, que nos levam a refletir sobre as relações entre seres humanos e não-humanos e suas possibilidades.

Tento aqui, refletir sobre ideias cristalizadas, verdade imutáveis, pensando na potência disso para uma relação mais potente com o ambiente e os seres que nos rodeiam. O que pode uma educação, uma biologia, que nos liberta dos estereótipos?

4. As relações da humanidade com os outros seres do Reino Animal

De onde vem o conceito de um animal ser “bom ou mau”? O que torna um animal “bom ou mau”? Existe uma certa humanização sobre os animais?

Os seres humanos, em sua grande maioria tendem a “humanizar” os animais. Quando me refiro a humanização dos animais, quero dizer que nós impomos a eles nossos conceitos sociais, por exemplo, do que é “bom ou mal”, isso pode acabar gerando uma certa romantização do Reino Animal. Vale ressaltar que quando digo em romantizar os animais, não necessariamente é algo ruim, muito pelo contrário, existem inúmeros movimentos artísticos e culturais (poema, teatro, cinema, pinturas, livros, ilustrações, televisão, música...) que romantizam os animais, os humanizam, e que são extremamente válidos, potentes, questionadores. A romantização muitas vezes pode criar uma empatia com um animal, ajudando assim na sua preservação, por exemplo. A minha crítica aqui é quando estes conceitos que colocamos neles se tornam verdades inquestionáveis e únicas para a sociedade, pois muitas vezes isto pode ser prejudicial na nossa relação com o meio ambiente e com os outros seres não humanos. Como diz Rubem Alves (1999) em seu texto “O que é científico”:

[...] por vezes um poema, uma sonata, uma quadro, são mais importantes para a vida e a alegria que artefatos de saber e tecnologia. Precisamos dos dois: do conhecimento e da beleza. Mas beleza não é científica. (n.p.)

Essas ideias podem estar também ligadas a aspectos culturais não necessariamente relacionadas às mídias digitais. Existem lugares em que

determinado animal é visto como sagrado, sábio, mal, bom, graças à tradições e crenças.

Na Índia por exemplo. “Na Índia, o Hinduísmo é a principal religião, chegando a 80% da população” (DIAS, 2018, n.p.). Por conta dessa crença a vaca, por exemplo, é considerada um animal sagrado e quem mata o animal pode ser sujeito a prisão perpétua no país. Mas se fizermos uma rápida comparação com o Brasil a vaca não é “adorada” da mesma maneira que na Índia, podemos dizer para a sociedade brasileira ela é um animal com uma extrema importância econômica, alimentar e ecológica, mas não sagrada.

Outro exemplo é a cobra, que em boa parte do mundo é rotulada como um animal “traçoeiro”, e isto pode-se dar muito pelo fato que a maioria da população mundial tem como religião o cristianismo “[...] que atualmente possui cerca de 2,2 bilhões de fiéis por todo o mundo. Ocupando essa posição quase desde os primórdios.” (JUNIOR, 2018, n.p.). Na Bíblia (livro sagrado para o cristianismo) há um versículo no qual uma serpente convenceu Eva, a primeira mulher da humanidade, a se alimentar de um fruto proibido. Logo em seguida Eva pede a Adão, primeiro homem criado por Deus, para comer este fruto. Assim ambos cometem o pecado original da humanidade e são expulsos do paraíso. “A serpente é a mais astuta de todos os animais que o Senhor Deus tinha criado.” (A BÍBLIA, 3:1). Este é um dos motivos da cobra ser vista, por muitos, como um animal traçoeiro.

Já na Índia, há uma relação diferente com as cobras. E isto se dá pelo Hinduísmo (religião predominante no país). Venho aqui dizer que mesmo na Índia que se tem esse fascínio, respeito pelo animal, ainda temos práticas a serem repensadas. Em algumas regiões existem os “encantadores de serpentes” que “hipnotizam” as cobras com a sua flauta. Porém ao investigar mais sobre essa prática, entendemos que ela não é muito benéfica para o animal, pois em muitos casos eles arrancam as presas da cobra. “Como os mal-alimentados encantadores de serpentes surdas e desdentadas que procuram seguir com os olhos os movimentos de alguma flauta que só pára de tocar quando uma moeda cai num pratinho de metal.” (Fonseca, 1999, p. 207). Trago esse ponto em questão pois, por mais que essas práticas sejam um aspecto cultural da Índia, ou seja, elas têm sua

importância e relevância, nós podemos também fazer reflexões e questionamentos sobre algumas ações e, quem sabe, a partir disso, pensar em maneiras mais saudáveis (tanto para humanos como para os seres não humanos) para continuar com as tradições de alguma região.

A China, muito falada hoje em dia por conta da pandemia da Covid-19, tem um aspecto bastante peculiar sobre a sua alimentação. Culturalmente existe o hábito de se alimentar de animais silvestres, "a prática de consumir carnes e produtos de animais selvagens na China remonta aos tempos pré-históricos". (SAVERS, 2020, n.p). Existem algumas crenças do porquê de se alimentar desses animais: "a carne e produtos de animais selvagens têm certo efeitos terapêuticos" (LI; et al., p.275); "a cultura alimentar chinesa sustenta que os animais recém-abatidos são mais nutritivos e essa crença pode aumentar a transmissão viral." (SAVERS, 2020, n.p) . Um assunto que pode ser polêmico, mas precisa ser discutido amplamente, pois envolve aspectos culturais, sociais e de saúde. Outro aspecto que tornou habitual esse consumo de animais silvestres foi a Guerra da Fome Chinesa. Nesse momento histórico o governo Chinês tentou implantar o "Grande Salto Econômico " - resumidamente foi um plano econômico ineficaz que acabou resultando, infelizmente, na morte de milhões de pessoas. Isso se deu graças à estatização em massa da produção agrícola. "Com a restrita oferta de comida, parte da população recorreu a outras fontes de alimentos, como o consumo de animais silvestres." (SAVERS, 2020, n. p.). Quero deixar claro que não foram necessariamente, costumes alimentares que causaram a pandemia da Covid-19, é apenas uma das teorias para explicar a pandemia que vivemos em 2020/2021. Vale ressaltar que não estou querendo dizer que se alimentar de animais silvestres é algo bom ou ruim, isto é um aspecto cultural da China por conta de toda sua carga histórica como país. O que eu quero aqui mostrar, neste tópico, é como a nossa cultura, nossa história, nossos hábitos, nossas crenças, influenciam na nossa relação com os outros animais (humanos e não-humanos) e como essas relações são diversas.

O folclore brasileiro é outro exemplo de um aspecto cultural que se relaciona fortemente com os animais, nele tem como representação as festas, mitologias, lendas, contos, jogos, músicas e entre outros. Este movimento cultural é diferente em cada região do Brasil. No nordeste, por exemplo, existe o boitatá, a

mula-sem-cabeça, a cabra-cabriola. No sul, temos a Cuca, a gralha-azul, o João-de-Barro. Se analisarmos cada região brasileira, podemos ver características únicas em relação ao folclore local.

O último exemplo que trago aqui é do boto-cor-de-rosa (lenda comum no Norte do Brasil). Esse ser assumiu uma posição de criatura mágica no Brasil por conta de suas lendas, que afirmam que o boto se transforma em um homem bonito, que sai pelas noites seduzindo mulheres e as engravidando. Depois de engravidá-las, ele retorna para o rio em forma de boto. O boto se tornou tão famoso que já fizeram animações, filmes, novelas, músicas e poesias sobre o animal. Ele é um animal que habita o imaginário e a cultura do povo brasileiro. Deixarei aqui a letra da música: "Lenda do Boto" de Wilson Fonseca (1954).

Quando boto virou gente
Pra dançar num puxirum,
Quando boto virou gente
Pra dançar num puxirum,
Trouxe o "olho", trouxe a "flecha",
Trouxe até muiiraquitã.
E dançou a noite inteira
Com a bela cunhantã.
Um grande mistério na roça se faz:
Fugiu cunhantã com o belo rapaz!...
... E o boto, ligeiro, nas ondas sumiu,
Deixando a cabocla na beira do rio...
Se alguém lhe pergunta:
"Quem foi teu amô?"
Cabocla responde:
"Foi boto, sinhô!"
Se alguém lhe pergunta:
"Quem foi teu amô?"
Cabocla responde:"Foi boto, sinhô!"

Percebi que muitas vezes a relação dos seres humanos com os animais pode ser guiada também por lendas e isso se potencializa quando este animal é endêmico (exclusivo de uma determinada região). No mundo atual em que vivemos, fortemente globalizado e conectado, transportamos a cultura que carregamos conosco para o mundo inteiro.

Os aspectos culturais estão ligados diretamente ou indiretamente com a maneira que nos relacionamos com os animais e com o ambiente, embora estes conceitos possam vir de formas equivocadas algumas vezes, é um jeito de nós,

seres humanos, nos relacionarmos e criarmos conexões com o Reino Animal. Assim, pude perceber que esse é um assunto muito complexo que abre um leque de inúmeros questionamentos, reflexões sobre como a humanidade se relaciona com o Reino Animal. Neste TCC analisei como é a nossa relação com os tubarões, animais que povoam nossa cultura através de filmes, animações, imagens e notícias. Como será que se dá essa relação quando atravessada pela cultura, pelas mídias?

5. O cinema e as suas imagens

Como já falamos no capítulo sobre a cultura, o cinema tem sim uma grande influência em nossas vidas. É um dos diversos artefatos que podem criar estereótipos em nossa sociedade, mas o cinema também é uma forma de arte, um movimento artístico que nos faz refletir sobre nossos valores, relações, sentimentos... Esse meio de comunicação pode nos fazer sentir raiva, felicidade, tristeza, medo, aversão, afeto, hostilidade, ciúmes, compaixão, amor, esperança, vergonha alheia... Ele consegue mover fronteiras, nos mudar como seres humanos, ou seja, cinema é arte e, a arte tem a potência de nos fazer sentir, pensar, nos tirar do lugar comum, nos faz não compreender o que sentimos, simplesmente sentimos.

Entrando mais a fundo nessa discussão, o cinema tende a contemplar três dimensões:

[...] a complexidade das linguagens específicas com que se faz cinema, o público ao qual se destinam os materiais em foco (ou os sujeitos dos quais as narrativas falam, ou ainda o grupo do qual desejamos tratar ou a quem nos propomos certa ação investigativa); e, por fim (e não menos importante), interrogações de ordem filosófica, histórica, cultural, estética ou pedagógica que, possíveis de serem pensadas a partir de filmes ou de intervenções com o cinema, carregam consigo perguntas sobre o tempo presente. (MARCELL; FISCHER, 2011, p. 506).

Uma das problemáticas que trouxemos no tópico de Educação e Cultura é sobre as visões de mundo, como cada pessoa tem a sua própria carga de experiência, e como isso molda as lentes que nós enxergamos as situações e o mundo ao redor, e isto também se encontra ligado ao cinema. “Como alguns autores que li ao longo da pesquisa, (Foucault 2000; Didi Huberman, 1998 e entre outros) precisamos enfrentar a total impossibilidade de uma imagem efetivamente representar algo” (MARCELL; FISCHER, 2011, p. 508). A imagem não é algo sólido, com apenas um tipo de interpretação e, como este objeto apresenta essa impossibilidade, não existe uma resposta única para ele.

Os seres humanos são pessoas extremamente heterogêneas e essa diversidade muitas vezes é atrelada à nossa cultura. Por exemplo, quando uma obra cinematográfica deixa a imagem para a interpretação do público, ela costuma variar de pessoa para pessoa, o cinema aciona subjetividades. Isso se dá por conta de

toda a potência que ele possui, possibilidades infinitas. Quando um músico compõe uma música, ela própria apresenta suas inúmeras interpretações. A composição feita pelo autor pode ter um significado totalmente diferente daquilo que senti quando a escutei.

Entendo, aqui nesta pesquisa, que o cinema opera dessa mesma maneira nesse quesito, não podemos ver a imagem como uma linha reta com apenas um tipo de interpretação e, sim uma linha com várias curvas e bifurcações, onde esses pensamentos/sentimentos podem se encontrar ou não.

Neste capítulo reforço como os filmes podem estar envolvidos na idéia dos estereótipos. Afinal, educação e cinema também andam juntos.

Dissemos que uma das dimensões que não pode ser desconsiderada na pesquisa sobre cinema-educação seria aquela que se refere ao estado atento do estudioso às indagações do nosso tempo. (MARCELL; FISCHER, 2011, p. 509).

Como disseram os autores sobre cinema e educação que li ao longo da pesquisa, o cinema traz à tona os questionamentos do tempo em que vivemos. Peguei-me pensando nas produções mais antigas da *Disney* (que serão citadas mais a frente neste capítulo), e em como as princesas eram representadas com um único padrão de comportamento. Mesmo com suas diferenças de personalidade, elas eram tratadas com o estereótipo de princesa (criado e reforçado ao longo de muito tempo pela sociedade e pela cultura). Na época isso poderia ser um assunto não tão falado, mas nos tempos atuais é impossível não se questionar sobre tais representações e seus impactos, principalmente para as mulheres.

O que eu estou querendo dizer é que por causa do cinema é possível fazer pequenas ou grandes discussões de inúmeros temas que rodeiam a nossa sociedade. Esses tipos de debates podem ser potencializados de século para século, ou seja, um filme produzido em 1980 e assistido nos anos 80 será sentido, refletido de uma maneira diferente que no século XXI. As visões dos jovens sobre o mundo, em sua grande maioria é bem diferente de pessoas mais idosas.... A sociedade do século XIX vai ser diferente do século XXI, as informações, conceitos, tecnologia, demandas, mercado, trabalho, economia, saúde, cultura estão sempre

mudando. É natural que os pensamentos/sentimentos/percepções dos seres humanos se modifiquem durante os tempos. Aqui, neste TCC, uma das minhas escolhas foi analisar filmes de tubarão ao longo do tempo, bem na virada do século, para tentar entender se a imagem do tubarão está sendo alterada ou não nos filmes durante este intervalo. Neste quesito foquei principalmente em filmes *hollywoodianos*, que durante toda a sua história, influenciaram na criação de estereótipos, muito por causa de sua enorme audiência voltada para fins comerciais.

Vocês já perceberam que o próprio cinema *hollywoodiano* apresenta um estereótipo? Por conta de ser a maior indústria cinematográfica e até mesmo sendo monopolizada por ela, lembro da minha mãe falando: “Só os norte-americanos sabem fazer filmes” (mostrando que existe um preconceito sobre as indústrias cinematográficas de outros países, que acredito, na verdade, que ela nem conhece).

Embora façamos esta pequena reflexão, vou focar no momento, em alguns exemplos de filmes *hollywoodianos* que apresentam tipos de estereótipos que ficaram marcados em nossa sociedade, faço isso a partir da minha percepção sobre eles, desenvolvida ao longo de meus estudos, e sobre a sociedade.

O primeiro filme que vou citar é “Homens Brancos Não Sabem Enterrar”⁴, o próprio título já incita um tipo de estereótipo, basicamente o filme é sobre duas pessoas (uma de pessoa pele branca e uma de pele negra) que jogam basquete. O personagem de pele branca basicamente só consegue fazer arremessos e o personagem de pele negra essencialmente só enterraria (uma enterrada é quando a bola é forçada para baixo na cesta dos adversários com uma ou ambas as mãos⁵). No mundo do basquete é comum o estereótipo de pessoas negras jogarem com mais habilidade - fazendo enterradas - e pessoas brancas conseguirem apenas arremessar.

⁴ HOMENS Brancos Não Sabem Enterrar. Direção de Ron Shelton. Produção de David V. Lester e Don Miller. Estados Unidos, 1992. (111 min.), P&B.

⁵ CBB, Confederação Brasileira de Basketball –. **CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL: REGRAS OFICIAIS DE BASQUETEBOL 2017.** [s.i]: Fiba, 2017.

Outros exemplos de filmes bem famosos, como, “Anaconda”⁶, “Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal”⁷, “Bem-Vindo a Selva”⁸, que se passam na Amazônia, muitas vezes representam espécies que não pertencem à sua fauna e flora, colocam várias espécies apenas por ela ser um local de grande biodiversidade. Existem mais exemplos ainda, a própria *Disney* representa e reforça alguns estereótipos como nas animações de longa metragem: “A Bela Adormecida”⁹ e “Cinderela”¹⁰, onde as princesas sempre necessitam de príncipes encantados para “serem salvas”. Criando e reforçando a ideia, o estereótipo, de que mulheres são dependentes dos homens (algo bem comum na sociedade machista que vivemos). Mas deixo marcado aqui, que a *Disney*, está cada vez mais criando filmes de princesas mais independentes, como podemos perceber com o lançamento de “Moana”¹¹ em 2016, que foi o primeiro filme de princesa da empresa que não possui príncipe. Podemos perceber que conforme a cultura muda, seus artefatos também se alteram, refletindo aspectos importantes para a sociedade da época.

⁶ ANACONDA. Direção de Luis Llosa. Produção de Ack Epps Jr. Jim Cash Hans Bauer. Estados Unidos, 1997. (89 min.), P&B.

⁷ INDIANA Jones e o Reino da Caveira de Cristal. Direção de Steven Spielberg. Produção de Frank Marshall. Estados Unidos, 2008. (122 min.),son., color. Legendado.

⁸JUMANJI: Bem-Vindo à Selva. Direção de Jake Kasdan. Produção de Matt Tolmach e William Teitler. Estados Unidos: Sony Pictures 2017. (118 min.), son., color. Legendado

⁹A BELA Adormecida. Direção de Clyde Geronimi. Produção de Don Dagradi e.Estados Unidos 1959. (75 min.),son., color. Legendado

¹⁰CINDERELA. Direção de Clyde Geronimi Hamilton Luske Wilfred Jackson. Estados Unidos: Walt Disney, 1950. (74 min.), color.

¹¹MOANA. Direção de Ron Clements e John Musker. Produção de John Lasseter. Estados Unidos: Walt Disney, 2016. Son., color. Legendado

6. Mergulhando por entre cartazes e sinopses

Neste capítulo irei desmembrar as relações que temos com os tubarões, acionando os cartazes e sinopses de três filmes que tratam dessa temática. Escolhi também uma ordem cronológica para esses filmes, pensei que dessa forma posso analisar como os estereótipos mudam - e se realmente mudam - durante as últimas décadas no cinema. É uma escolha que pode nos colocar para pensar em como o estereótipo de “assassino”, carimbado nesses animais, também são consequência da nossa relação com esses artefatos culturais e midiáticos. Analisei dois filmes do século XX e um filme do século XXI para, quem sabe, fazer também uma reflexão sobre a mudança de século e se isso influencia na representação dos tubarões no cinema. Faço essas análises a partir dos estudos e leituras que fiz ao longo deste trabalho, e também das minhas percepções pessoais sobre as imagens e texto ligados aos filmes.

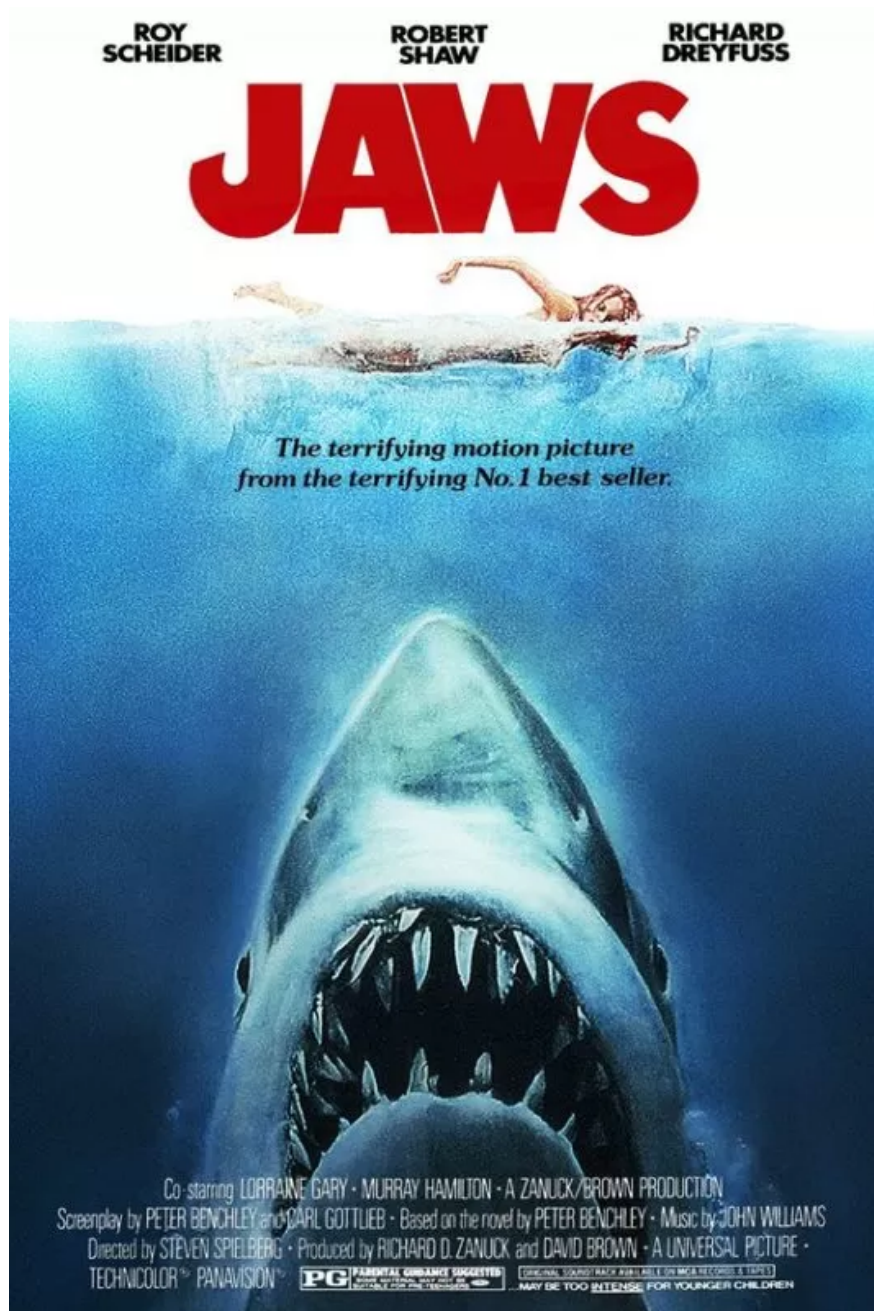
O primeiro filme escolhido foi “Tubarão” (*Jaws* do Steven Spielberg, de 1975), o filme teve um enorme sucesso em bilheteria e foi um dos grandes precursores do gênero de filmes de tubarões. O sucesso foi tão grande que o filme virou uma franquia e lançaram mais dois filmes em sequência. O segundo filme que escolhi chama-se “Do Fundo do Mar”, de 1999, dirigido por Renny Harlin, uma escolha bem pessoal, pois ficava muito tenso assistindo ele, lembro de algumas cenas onde, o tubarão era extremamente agressivo, violento; lembro que meus batimentos cardíacos até ficavam mais acelerados por conta do meu nervosismo, por fim o filme também virou uma franquia e hoje existem mais dois filmes sobre. A última escolha foi o filme “Águas rasas”, de 2016, dirigido por Jaume Collet-Serra, este já é um pouco mais recente, mas que também aborda a mesma temática do “tubarão assassino”.

A seguir trago as sinopses e os cartazes dos filmes que foram retiradas do site “Adoro Cinema”¹².

Tubarão (1975) - “Um terrível ataque a banhistas é o sinal de que a praia da pequena cidade de Amity virou refatório de um gigantesco tubarão branco, que começa a se alimentar dos turistas. Embora o prefeito queira esconder os fatos da mídia, o xerife local (Roy Scheider) pede ajuda a um ictologista (Richard Dreyfuss)

¹² Site “Adoro Cinema” <https://www.adorocinema.com/> Acessado em: 26 de abril de 2021.

e a um pescador veterano (Robert Shaw) para caçar o animal. Mas a missão vai ser mais complicada do que eles imaginavam.”



Cartaz do filme “Tubarão” (*Jaws*, de 1975)¹³

Do Fundo do Mar (1999) - “A Dra. Susan McAlester (Saffron Burrows) está fazendo pesquisa com tubarões, pois pretende através deles descobrir a cura para o Mal de Alzheimer. Russell Franklin (Samuel L. Jackson), um empresário, é o principal patrocinador e doou 200 milhões de dólares para o projeto. Quando um tubarão escapa e ataca um barco, a reação de Russell não é boa, mas Susan

¹³ Disponível em <https://cinemacao.com/2018/07/28/critica-tubarao-1975/>. Acesso em 24 de abril de 2021.

consegue reverter a situação e ele decide visitar Aquática, uma antiga base de submarinos no meio do oceano agora convertida em laboratório. Neste local Susan faz alterações genéticas nos tubarões, deixando-os mais inteligentes, para que sua experiência seja bem sucedida. O problema é que os animais se tornam também mais rápidos e não sentem vontade de colaborar, pois anseiam ir para mar aberto.”



Cartaz do filme “Do fundo do mar” (*Deep blue sea*, de 1999)¹⁴

Águas Rasas (2016) - “Nancy (Blake Lively) é uma jovem médica que está tendo de lidar com a recente perda da mãe. Seguindo uma dica sua, ela vai surfar em uma paradisíaca praia isolada, onde acaba sendo atacada por um enorme tubarão. Desesperada e ferida, ela consegue se proteger temporariamente em um recife de corais, mas precisa encontrar logo uma maneira de sair da água.”

¹⁴ Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-22143/> . Acesso em 24 de abril de 2021.



Cartaz “Águas Rasas” (*The Shallows*, de 2016)¹⁵

Os cartazes dos filmes estão colocados em ordem cronológica de lançamento (1975, 1999 e 2016, respectivamente). Ao observarmos as três imagens juntas, já podemos ter uma leve ideia sobre como os tubarões estão sendo representados nestes filmes.

Na primeira imagem vemos uma mulher nadando, enquanto embaixo dela há um tubarão com seus “grandes dentes” e com o seu olhar fixo na personagem

¹⁵ Disponível em <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-240685/>. Acesso em 26 de abril de 2021.

humana, a sensação que temos é que o tubarão está olhando fixamente para a sua presa, pronto para “dar o bote” na humana. Vale lembrar que os tubarões não têm como dieta alimentação humana. “Nenhum ser humano tem a mesma quantidade de gordura do que uma foca ou um atum.” (SILVA, 2003, p. 16)

Ainda na mesma imagem do cartaz notei as cores usadas para a representação do mar, observei dois tipos de tons de azul. Um mais claro onde se encontra a humana, mostrando assim a parte mais rasa do mar (com mais incidência de luz solar) e mais ao fundo vemos uma água mais escura representando o fundo do mar (com menos incidência da luz solar). Quero deixar claro aqui, que como existem várias espécies de tubarões a profundidade que eles alcançam são variadas. Porém, como afirma Silva (2003), “Várias pessoas que mergulham em águas com tubarões não se sentem confortáveis quando nadam na superfície, principalmente em águas profundas.” Mas sinto que a principal idéia aqui, neste cartaz, é representar o tubarão como um animal mais sombrio, assustador, por isso essa diferença de tonalidade.

A sinopse junto com o cartaz fomentam o estereótipo do tubarão. Embora a sinopse diga “onde encontrou um potencial de alimento humano na região”, ao assistir o filme percebemos que não é exatamente isso que acontece. A última cena do filme deixa muito explícito isto, antes do tubarão ser morto, percebemos que há um confronto entre os dois humanos e o animal. O tubarão consegue capturar um humano e ele acaba falecendo. Se o animal realmente estava em busca de alimento, nesse momento do ataque ele iria embora, mas durante a cena acontece exatamente ao contrário. O tubarão não para até tentar capturar o último humano.

Vale lembrar que, o custo benefício dessa caça não seria positivo para o tubarão. Primeiro que ele gasta muita energia para derrubar o barco, depois de derrubar, ele tem que gastar mais energia ainda para predação do humano. Ao conseguir pegar o primeiro humano, ele continua atrás do último, tendo assim um maior gasto energético. Ou seja, basicamente essa cena está nos dizendo que ele está “atacando por atacar”, reforçando assim o seu estereótipo de “assassino”. Vale ressaltar que o animal já estava bastante ferido na cena, o que é mais um motivo para ele recuar. A análise dessa cena específica foi feita, pois na sinopse fala sobre o tubarão encontrar um potencial de alimento, mas conforme vamos vendo o filme,

com o olhar de biólogo em formação, não é bem dessa forma que o animal se comporta.

No segundo cartaz a própria construção da imagem já nos leva a imaginar qual será a ideia do filme. Ao observar a imagem, o que me chama atenção é o tubarão, que ocupa mais da metade do cartaz com sua mandíbula aberta e seus dentes bem amostra. Logo em seguida nossos olhos se voltam para a personagem humana com uma expressão intensa de desespero. Notei também um certo desfoque na imagem do tubarão, gerando uma sensação de que o animal está se movimentando em velocidade, o que me levou a concluir que o tubarão está perseguindo a humana. É nítido também as cores escuras do cartaz, nos dando uma sensação mais sombria, aterrorizante. Embora a sinopse do filme apresenta uma ideia um pouco diferente, se compararmos aos outros filmes, usando a premissa de mudança genética do animal analisar um contexto geral, ele também reforça o estereótipo do tubarão. E isto torna-se mais nítido no cartaz, pois são usadas cores mais escuras, desfoque na imagem, o animal como o centro da imagem com a sua grande mandíbula e a feição humana desesperada. Ainda se pararmos para refletir sobre a sinopse, ela está usando dois elementos: o Tubarão e a Genética, o filme representa um animal já estereotipado e usa um contexto de mudança genética para fomentar ainda mais o seu lado "assassino". Vale lembrar que poderíamos fazer também uma análise sobre filmes que usam animais para experiências genéticas, mas isso daria assunto suficiente para um outro TCC.

Por fim, o cartaz do filme "Águas rasas" separei em três partes: a imagem geral, a humana, o tubarão e a frase. Ao observar a humana com a sua prancha, senti que sua expressão é de estranheza, como se estivesse desconfiada. Já na parte de baixo da imagem vemos um tubarão, diferentemente dos outros cartazes que vimos até aqui não conseguimos ver o rosto do animal, apenas uma parte de seu corpo (barbatanas e brânquias) nos é apresentada. Ele está no fundo do mar, o que me gerou uma impressão de suspense no ambiente. A própria ideia de não aparecer o rosto do animal aumenta ainda mais a apreensão que a imagem gera. Ao reparar na pele do animal, percebemos tonalidades mais escuras o que me deu uma sensação de mais tensão na imagem.

Depois de observar todos esses elementos somados com a frase “Não é só mais um dia na praia”, o clima de tensão, mistério, suspense e ansiedade torna-se ainda mais palpável. Você já percebeu que essa frase pode ser um tipo de *slogan*? E que muitas das vezes estes *slogans* podem fortalecer tipos de estereótipo? “Os *slogans* funcionam como palavras de ordem que nos fazem replicar e não refletir e problematizar sobre um assunto. Por exemplo, os slogans como “preserve a natureza”, “economize água”, “jogue o lixo no lixo” e muitos outros, se proliferam por repetição.” (PEREIRA; 2019, p. 34). Quando falamos “economize água” o ponto de vista geralmente abordado é sobre a nossa questão individual com água, como, por exemplo, ficar muito tempo tomando banho, diminuir o tempo da água ligada ao lavar a louça... Mas a questão vai muito mais além disso (embora ter essa conscientização individual também seja bastante importante). É refletir também o quanto o agronegócio consome de água (quero deixar a minha observação que eu não estou de forma alguma demonizando o agronegócio, eu entendo a sua importância econômica para um país, porém é necessário que a gente pense e discuta sobre maneiras para a diminuição de consumo de água nesse setor, por exemplo), ou quais as consequências para o planeta Terra sobre a escassez de água potável, por exemplo. Essas são pequenas reflexões de inúmeras outras que podemos fazer sobre este assunto.

Com essas ideias em mente, retomo a frase/*slogan* presente no cartaz do filme: “não é mais um dia na praia”. Essa frase funciona como um *slogan*, pois está querendo fomentar o estereótipo do tubarão. Indo mais a fundo nessa reflexão, “Águas Rasas” é um filme mais atual e como já existem inúmeros filmes que abordam os tubarões dessa mesma maneira, ele foi lançado em um mercado já saturado. Arrisco dizer que se o filme “Tubarão” (*Jaws*), usasse esta mesma frase (“Não é só mais um dia na praia”) teríamos um impacto muito maior (do que já temos) sobre o estereótipo do tubarão. Nós estaríamos reproduzindo esse *slogan* em nossa sociedade, tendo medo de ir às praias, entrar no mar, sem ao menos refletir o que significa de fato essa frase.

Tanto na sinopse quanto no cartaz é mostrado que a humana em questão é uma surfista. Embora sim, entre os ataques dos tubarões, a maioria são surfistas - “a teoria, defendida por biólogos e oceanógrafos, é que o tubarão pode confundir o surfista em sua prancha com uma presa natural, semelhante a um leão ou elefante

marinhos, quando vistos por baixo.” (SILVA, 2003, p. 14), já existem estudos sobre esses ataques dizendo que eles não são propositais. Mesmo assim, o filme ainda explora o estereótipo do tubarão “assassino”, “cruel”, “malvado” que ataca surfistas intencionalmente.

Nesta análise das sinopses e cartazes refleti sobre quatro aspectos (que já foram também discutidos previamente em outras partes deste TCC). Faço isso agora, nos próximos parágrafos, evidenciando o tubarão com eles.

Os primeiros aspectos são os artefatos midiáticos, os próprios filmes em si. Nos primeiros dois filmes, "Tubarão", produzido em 1975 e o "Fundo do mar" produzido em 1999, mais antigos, as informações não eram tão acessíveis como elas são hoje. Acredito que por isso também a criação desse estereótipo tornou-se algo tão evidente em nossa sociedade. Quero deixar claro que essas duas produções, principalmente o filme "Tubarão" (por ser pioneiro nesse estilo de filme), conseguiram uma grande disseminação na população, porque são filmes extremamente bem feitos e importantes para o mundo cinematográfico, graças aos seus excelentes e visionários efeitos visuais para a época em que foram produzidos. Em "Águas Rasas", produzido em 2016, percebemos que é um filme mais atual com o mesmo estilo do tubarão "assassino". Também há outras produções do século XXI que seguem essa mesma temática como: "Perigo em alto mar" produzido em 2011, "Megatubarão" produzido em 2018, "Mar aberto" produzido em 2004, entre outros.

O segundo aspecto é sobre o estereótipo. Primeiro temos os filmes mais antigos que iniciaram todo esse conceito do tubarão "assassino", e conforme vemos as produções mais atuais também seguem nessa mesma linha, se criou um estilo de filme com esta temática. Então, temos algo sendo reforçado durante anos em nossa sociedade e, com isso, o tornando "real", ou seja, um conceito de como os tubarões agem. Retomando uma frase de Stuart Hall (1997) dita no capítulo do "Estereótipo": o estereótipo "reduz as pessoas a umas poucas características simples, essenciais, que são representadas como fixas pela natureza" (p. 257). Logo, o tubarão é reduzido pela característica de ser "assassino" (por conta da ampla disseminação e penetrabilidade desses artefatos midiáticos e seus impactos na nossa sociedade e cultura, na nossa visão de mundo). Com isso, esta concepção

sobre os tubarões pode se tornar uma verdade absoluta. Estou reforçando esta ideia para enfatizar como este estereótipo pode ser prejudicial, por exemplo, quando tentamos preservar os tubarões. Faço ainda uma brincadeira com a frase citada acima para destacar meu ponto: *reduz [o tubarão a ser assassino], como uma verdade absoluta fixa para a nossa sociedade.*

O terceiro aspecto que considero aqui é sobre a visão de mundo que temos sobre os tubarões, considero elas sendo direta ou indireta. Antes de iniciarmos a discussão desse aspecto, vamos recapitular sobre o que já foi dito sobre educação e cultura. Um dos pontos levantados neste capítulo é sobre visões, ou seja, um biólogo terá um olhar sobre o mundo diferentemente de um engenheiro civil, (como já dito neste TCC)... Logo uma pessoa que convive com um tubarão terá um olhar sobre o animal bastante diferente de uma pessoa que não convive. E quando eu digo sobre uma ligação direta, penso que a pessoa, a comunidade, tem o contato/convivência com o animal, por exemplo, em um país com uma grande ocorrência de tubarões, como a Austrália. Em contrapartida, penso que uma ligação indireta significa um país com baixa ocorrência de tubarões (não muito ligado ao cotidiano da pessoa). Os aspectos culturais de uma determinada região podem influenciar a nossa visão sobre um determinado animal (isto é comentado e bem explorado no capítulo em que falo sobre as relações da humanidade com os outros seres do Reino Animal). Torna-se evidente que um país com mais incidência de tubarões, terá uma visão sobre o animal totalmente diferente de um país com baixa incidência. Teoricamente um local com mais incidência, terá mais notícias sobre o animal, institutos que estudem mais o animal e até mesmo canais de Youtube (mais conhecidos na região) que falem sobre ele. E muitas das vezes isto, também pode ajudar neste movimento de quebra de estereótipos e na busca de outros tipos de relações com estes animais.

Por fim, o último aspecto que trago aqui é sobre os adjetivos humanos que são colados nesses animais, tanto através de imagens como das próprias palavras em si, como, assassino, vilão, malvado, cruel... Não correspondem ao que realmente ocorre no Reino Animal. A própria morfologia dos tubarões pode facilitar mais ainda a propagação do seu estereótipo. O tubarão é um animal topo de cadeia, é grande, carnívoro, tem dentes afiados e numerosos, é rápido e dependendo da espécie pode ser sim agressivo. Quando juntamos isso com os artefatos culturais,

como o cinema de ampla divulgação, que abordam uma ideia sobre um comportamento violento de atacar humanos propositalmente, somados ao nosso olhar de humanização do Reino Animal (animal fofo, vilão, engraçado, nojento, mal, bom, cruel...) temos como resultado o estereótipo do tubarão “assassino” enraizado em nosso imaginário, em nossa cultura.

7. Reflexões...

Uma das idéias nesse TCC foi compreender as relações que temos com os artefatos midiáticos e como eles nos influenciam, principalmente em relação aos estereótipos ligados aos animais não-humanos, mais especificamente, o tubarão. As relações que temos com o Reino Animal também são tecidas a partir de como a sociedade “vê” esse animal através da cultura, do cinema, das lentes que nos compõem. Também vou falar, neste capítulo, sobre as animações, que brincam com o estereótipo de tubarão “assassino”, nos colocando para pensar em outras possibilidades para este animal.

Escolhi analisar os filmes *hollywoodianos* com a temática dos tubarões, pois são animais que sempre gostei e também por estarem em perigo de extinção, seja pela pesca ou pelas mudanças climáticas em nosso planeta. Porém, se fizermos uma pesquisa mais profunda existem outros tipos de estereótipos marcados em grandes filmes e animações conhecidas mundialmente. O urso, por exemplo, fiquei muito perplexo em saber que ele não hiberna, fisiologicamente animais grandes não hibernam (aprendi isso apenas na graduação, em uma das aulas de “Fisiologia comparada” ministrada pelo professor Dr. Renato Hajenius de Freitas). Nas animações que assistia na infância e adolescência o animal é apresentado como hibernante e a partir disso sempre tive essa ideia que os ursos hibernam.

Vale lembrar que não há nenhum problema em usar esses estereótipos marcados na nossa sociedade, o mundo cinematográfico tem a liberdade artística de brincar com eles ou reforçá-los. Isso porque a arte, a cultura, refletem e compõem os modos de pensar, ver, estar no/com o mundo. O ponto importante aqui é se questionar, pensar, refletir... Buscar outras possibilidades, outros modos de ser, ver, sentir o mundo.

Desde a minha infância fui muito ligado aos filmes e séries de animação, é por isso que neste trabalho comento um pouco sobre elas. O que sempre me chamava e ainda me chama atenção, é a forma como as animações são projetadas, elas conseguem colocar expressões bem características nas personagens e, com isso, conseguem por mais intensidade na cena. Por exemplo, quando uma pessoa chora em um desenho animado os olhos ficam inundados de lágrimas, a postura pode ficar exageradamente curvada, mudando até mesmo a cor do corpo. Um

personagem em uma cena feliz muda totalmente essa dinâmica, a pupila pode até ser substituída por estrelas, o sorriso aumenta de maneira exagerada, as bochechas podem até mudar de cor. Os desenhos animados têm esse poder de brincar com o exagerado e penso que podem ser uma possibilidade de rasura destes estereótipos.

As animações tem uma grande relação com o Reino Animal, existem inúmeras franquias de sucesso, como “Bob Esponja” (1999)¹⁶, “Irmão Urso”(2003)¹⁷, “A Era do Gelo”(2002) ¹⁸, “Os Sem Florestas” (2006) ¹⁹ , “Rei Leão (1994) ²⁰” e entre outros. E o mais bacana disso é que nós vemos a perspectiva do animal, ou seja, quando a gente se põe no lugar do animal podemos entender um pouco sobre as relações com os seres humanos ou outros animais. Mas isso não exclui traços de humanização dos animais, apenas acredito que as animações têm a potência e liberdade de rasurar estereótipos, de brincar com eles, de nos fazer pensar em outras possibilidades.

Uma das coisas mais fascinantes dos desenhos animados é a brincadeira com estereótipo, isto é, eles conseguem pegar essas verdades imutáveis em nossa sociedade e tentam abordá-las de outras maneiras. A animação “O Espanta Tubarões” (2004)²¹, produzida pela *DreamWorks*, brinca exatamente com o estereótipo que estou abordando nesta pesquisa. Na história do filme existe um tubarão vegetariano (das espécies já estudadas, biologicamente falando, ainda não encontraram nenhum tubarão vegetariano na natureza, como já disse anteriormente eles são animais de topo de cadeia alimentar). Para além do seu vegetarianismo pouquíssimo aceito entre os seus, o tubarão chamado de Lenny, também possui características gentis, calmas, não violentas. É quase como um inverso do gênero “tubarão assassino”, colocando esse estereótipo em cheque e nos oferecendo uma possibilidade totalmente inusitada. O que me fez pensar nas possibilidades que o brincar com o estereótipo pode ter em nossas percepções de mundo.

¹⁶ BOB Esponja. Direção de Stephen Hillenburg. Estados Unidos: Nickelodeon, 1999. Color.

¹⁷ IRMÃO Urso. Direção de Aaron Blaise, Robert Walker. Estados Unidos: Walt Disney, 2003. (83 min.), color.

¹⁸ ERA do Gelo. Direção de Chris Wedge. 2002. (81 min.), color.

¹⁹ OS Sem Floresta. Direção de Tim Johnson, Karey Kirkpatrick. Estados Unidos: Bonnie Arnold,, 2006. (83 min.), color.

²⁰ REI Leão. Direção de Roger Allers, Rob Minkoff. Estados Unidos: Walt Disney, 1994. (89 min.), color.

²¹ ESPANTA Tubarões. Direção de Bibi Bergeron, Vicky Jenson, Rob Letterman. Estados Unidos: Dreamworks, 2004. (90 min.), color.

Há também o desenho animado “Tubarão” (*Jabberjaw*, de 1976, produzido pela *Hanna-Barbera*)²² que tem em sua história um tubarão branco bem atrapalhado que interage pacificamente com os humanos e toca bateria. Outra franquia de filmes de longas de animação é “Procurando Nemo” (2003²³), produzido pela *Disney* e pela *Pixar*, onde existe um tubarão branco vegetariano que se reúne com outros tubarões (de outras espécies) para lutarem contra seu instinto de comer carne. As animações têm esse poder de pegar estereótipos muito marcados em nossa sociedade e brincar com eles, tentando criar outras formas de abordar, apresentar e representar os animais.

Também podemos fazer uma reflexão dos impactos que causamos diretamente aos tubarões. Estou colocando isso em pauta, porque é importante saber as consequências que os seres humanos têm na vida dos tubarões para esta pesquisa, já que estamos falando da nossa relação com eles, e conseqüentemente com o meio ambiente. De acordo com a IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza que atualiza seus dados semanalmente)²⁴ 36% das espécies de tubarão e arraias estão ameaçadas de extinção e, isto, está diretamente ligado às nossas ações sobre eles.

A pesca ilegal é o que mais está afetando a sobrevivência do tubarão atualmente. Basicamente os pecadores tiram a barbatana do tubarão e muitas das vezes os jogam de volta no mar ocasionando a morte do animal. Essa pesca ilegal “provoca a morte de 70 até 100 milhões de animais todos os anos. Mais de 1 milhão de toneladas de tubarões são capturados anualmente, de acordo com estudo de 2018 na *Marine Policy*, que classificou Hong Kong como o “maior centro mundial de comércio de tubarões”. (MESQUITA, 2019, n.p). A sopa de barbatana é um prato de status na cozinha chinesa.

Outro impacto são as mudanças climáticas ocasionadas por nós e, isto, pode levar a uma mudança de comportamento do animal. Na Austrália, por exemplo, ocorreram sete mortes de humanos em 2020 ocasionada por ataques de tubarões (o que é um número alto, pois em 2019 não tivemos nenhuma morte contabilizada).

²² TUTUBARÃO. Direção de William Hanna, Joseph Barbera. Estados Unidos: Hanna-Barbera, 1976. Color.

²³ PROCURANDO Nemo. Direção de Andrew Stanton. Estados Unidos: Walt Disney, 2003. (100 min.), color.

²⁴ Dados disponíveis no site da IUCN: <https://www.iucn.org/>. Acessado em 26 de abril de 2021.

“Há uma série de explicações possíveis - vários especialistas apontaram que os números ano a ano sempre flutuam, e isso pode ser simplesmente azar. Mas há outro culpado possível: a crise climática.” (YEUNG, 2020, n.p).

Portanto, é necessário que cada vez mais a gente discuta, nos dias atuais, as mudanças climáticas. Além das inúmeras problemáticas que já conhecemos, elas também podem estar tendo um efeito sobre o comportamento dos tubarões. “À medida que os oceanos esquentam, ecossistemas inteiros são destruídos e forçados a se adaptar. Os peixes estão migrando para onde nunca foram antes. Os comportamentos das espécies estão mudando”. (YEUNG, 2020,n.p).

8. Desfecho

Como já dito, o cinema teve e tem uma grande influência sobre a imagem do tubarão e dessa forma podemos pensar em maneiras de como o cinema pode também ajudar a quebrar o estereótipo do animal. O cinema consegue aflorar em nós sentimentos, reflexões, sensações, que nos instigam cada vez mais, e acionam nosso lado sensível. Este é um encontro pessoal, pois cada pessoa lança olhares para o filme de acordo com suas experiências, com suas lentes de visão de mundo, com a sua subjetividade. Mas quando as impressões sobre o filme são debatidas, estas experiências afloram na narração e também fazem movimentos em quem escuta, “a narração é sempre um contar-de-si, contar e compartilhar com o outro sua própria experiência.” (FERNANDES, 2015, p. 189)

Fico pensando nessa situação em uma sala de aula, onde há várias pessoas (cada uma com sua carga cultural, com a sua subjetividade), vendo, sentindo, se instigando, se questionando, escutando... Num primeiro momento esses sentimentos são criados de uma maneira mais individual e intrínseca, já num segundo momento essas experiências são amplificadas, seja pela escrita (poemas, textos, frases, imagens) ou pelas próprias discussões que surgem em uma sala de aula. Paulo Freire já dizia que a cultura está muito ligada ao ato de ensinar.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p. 25).

O que desejo com esta pesquisa é que quando formos trabalhar com o tubarão em nossas práticas docentes, ou outros animais que circulam fortemente pelos artefatos culturais, ou até mesmo outros estereótipos que existem na nossa sociedade, principalmente nas questões de preservação de espécies e do ambiente, não abordarmos apenas o fato deles estarem em extinção, ou ameaçados, criando mais e mais *slogans* que nada nos dizem, nada nos fazem sentir.

Desejo que esta seja uma conversa mais profunda, um estudo mais complexo, levando em conta outras reflexões, como por exemplo: como um estereótipo influencia na nossa visão sobre os animais? Será que isso pode ou não ser prejudicial para uma determinada espécie? De que jeito a cultura e os meios de informação influenciam nossas ações e pensamentos? Como nos rotulamos os animais?

Pensar a maneira que os artefatos midiáticos interagem com a sociedade, como o cinema opera e aciona sensações e sentidos em nós, pensar as nossas relações humanas com os seres não humanos que compartilham este mundo conosco. Criar e produzir atividades que acionem as animações e as suas brincadeiras de quebra de estereótipo.

Esses questionamentos e inúmeros outros (digo outros, porque a reflexão não é algo simples, a filosofia tem o poder de nos fazer pensar, e pensar, e pensar, sobre um mesmo assunto, mas de tantas maneiras diferentes...) podem nos ajudar a pensar em práticas de docência que trabalhem com a preservação por outras perspectivas, acionando um lado mais sensível, e quem sabe movimentar nos alunos reflexões como as que foram movimentadas em mim durante a aula do professor Dr. Leandro Belinaso.

Acredito que, é a partir da educação, da pesquisa, da interlocução com outros pensamentos e artefatos culturais - seja numa atividade de quebra de estereótipo, como aconteceu comigo, seja em outras situações, como o encontro com um filme, com uma música, com uma imagem, com um texto - que vamos conseguindo quebrar alguns dogmas em nossa sociedade. Buscando criar novas possibilidades de nos relacionar, de ver, de sentir, de pensar, com o ambiente e com os seres que compartilham o planeta conosco.

9. Referências Bibliográficas

A BÍBLIA . **O Pecado**. Tradução da CNBB. Brasília: Canção Nova, 31. 1563 p

ÁGUAS Rasas. Direção de Jaume Collet-Serra. Estados Unidos: Lynn Harris, 2016. (86 min.), color. Legendado.

ALCÂNTARA, José Carlos. **O homem é um animal político**. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/blog/o-homem-e-um-animal-politico>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

ALVES, Rubens. **O que é Científico**. Disponível em: <https://direitofma2010.files.wordpress.com/2010/04/rubem-alves-o-que-e-cientifico.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

CBB, Confederação Brasileira de Basketball –. **CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL: REGRAS OFICIAIS DE BASQUETEBOL 2017**. [s.i]: Fiba, 2017.

DIAS, Fabiana. **Práticas religiosas, espirituais e filosóficas**. 2018. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/hinduismo>. Acesso em: 14 maio 2021.

FERNANDES, A. **O cinema e o audiovisual na educação: reflexões de pesquisas**. Revista Tempos e Espaços em Educação. Volume 8, Número 16 - maio/agosto 2015.

FONSECA, Carlos Alberto da. **ÍNDIA, UMA HISTÓRIA CRÍTICA**. **Organon**, Porto Alegre, v. 13, n. 27, p. 207-220, dez. 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDO do Mar. Direção de Renny Harlin. Estados Unidos: Warner Bros. Entertainment, 1999. (105 min.), color.

GOMES, Marina Lopes e. **Entre ruídos: encontros sonoros de uma pesquisa em educação**. 2019. 264 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação e

Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214612>. Acesso em: 26 abr. 2021.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso, SOUZA, Suzani Cassiani. **Tópicos especiais em Educação e Biologia**. 1ª. e 1ª reimp. Florianópolis, SC . Biologia/EAD/UFSC, 2009. Capítulo 1 - Cultura e Pedagogia.

HALL, Stuart. Estudos Culturais e seu legado teórico. *IN*: SOVIK, Liv (Org.) **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil,2003.

INDÍÁ, Tudo. **Hinduísmo**. Disponível em: <http://tudoindia.com.br/hinduismo/>. Acesso em: 14 janeiro 2021.

IUCN. **THE IUCN RED LIST OF THREATENED**. Disponível em: <https://www.iucnredlist.org/>. Acesso em: 02 maio 2021.

LAPOUJADE, David. **As Existências Mínimas**. São Paulo: N-1 Edições, 2017. 121 p.

LI, Jie; LI, Jun (justin); XIE, Xiaoru; CAI, Xiaomei; HUANG, Jian; TIAN, Xuemei; ZHU, Hong; TIAN, Xuemei. Game consumption and the 2019 novel coronavirus. **Health Emergency**. [s.i.], p. 275-276. 26 fev. 2020.

LOPES, Larissa. **Tempo assistindo a vídeos no YouTube cresce 135% em 4 anos**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2018/09/tempo-assistindo-videos-no-youtube-cresce-135-em-4-anos.html>. Acesso em: 19 set. 2018.

MARCELL, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Tópicos para Pensar a Pesquisa em Cinema e Educação. **Educação e Realidade**, [s. /], v. 36, n. 2, p. 505-519, jun. 2011.

MESQUITA, João Lara. **Sopa de barbatana de tubarão: 'iguaria' provoca morte de mais de 70 milhões de tubarões todos os anos**. 2019. Disponível em:

<https://marsemfim.com.br/sopa-de-barbatana-de-tubarao-crime-prossegue/>. Acesso em: 07 jun. 2019.

MILTON JUNIOR,. **Qual A Religião Mais Seguida No Mundo?** Disponível em: <https://www.tricurioso.com/2018/07/26/qual-a-religiao-mais-seguida-no-mundo/>. Acesso em:07 jan 2021

PEREIRA, Ana Paula Valle. **INVENÇÕES DE MUNDO NAS EDUCAÇÃOES AMBIENTAIS: CINEMA, AFETOS E NARRATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**. 2018. 66 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/38774123/INVEN%C3%87%C3%95ES_DE_MUNDO_NAS_EDUCA%C3%87%C3%95ES_AMBIENTAIS_CINEMA_AFETOS_E_NARRATIVAS_NA_EDUCA%C3%87%C3%83O_DE_JOVENS_E_ADULTOS_EJA_. Acesso em: 15 abr. 2021.

PORTUGUESA, Michaelis Moderno Dicionário da Língua. **Dogma**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 15 out. 2019.

SAVERS, Green. **Por que é que os chineses comem animais exóticos?** Disponível em: <https://greensavers.sapo.pt/por-que-e-que-os-chineses-comem-animais-exoticos/>. Acesso em: 26 dez. 2020

SILVA, Lúcia Freitas da. **Ataques de Tubarões ao Homem**. 2003. 24 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2003.

STEIN, Ricardo J.. **Boletim do Agronegócio: Covid-19, animais silvestres e a tragédia chinesa**. Disponível em: <https://www.faculdademurialdo.com.br/blog/detalhes/boletim-do-agronegocio-covid-19-animais-silvestres-e-a-tragedia-chinesa>. Acesso em: 2020.

TUBARÃO. Direção de Steven Spielberg. Estados Unidos: Zanuck/Brown Productions, 1975. (124 min.), color.

YEUNG, Jessie. **Tubarões mataram 7 pessoas na Austrália neste ano, recorde desde 1934. Por quê?** 2020. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/10/19/tubaroes-mataram-7-pessoas-na-australia-neste-ano-recorde-desde-1934-por-que>. Acesso em: 19 out. 2020.